



ASSISTENTES SOCIAIS, LÉSBICAS, FEMINISTAS E NEGRAS: O LEGADO POLÍTICO DE MARYLUCIA MESQUITA PALMEIRA

Eixo Temático 46: A potencialidade transformadora de corpos e experiências LésBi: do apagamento à visibilidade

Amanda de Lima Ribeiro¹
Laianne Bonfim Jesus de Oliveira²
Luísa Lopes Cardoso Lacerda³
Márcia da Silva Clemente⁴
Simone Brandão Souza⁵

RESUMO

Este trabalho, que integra os estudos de um grupo de pesquisa, pretende através do resgate da memória da Assistente Social e ativista, Marylucia Mesquita Palmeira, mulher negra lésbica, abordar os desafios postos à existência das mulheres lésbicas pelo sexismo, racismo, lesbofobia e desigualdades sociais que estruturam as relações sociais na particularidade brasileira sob a égide do capitalismo, também vinculadas à aspectos políticos da história de vida de uma assistente social negra e lésbica pioneira em muitas lutas sociais. Nesse sentido, este estudo objetiva, através da apresentação da trajetória profissional e política de Marylucia Mesquita Palmeira, visibilizar o seu legado político e suas contribuições para a profissão de Serviço Social, ancorado nas contribuições do feminismo lésbico negro no enfrentamento ao capital, bem como aos diversos sistemas normativos e de opressão que perpetuaram a trajetória de Marylucia. No que diz respeito aos aspectos metodológicos deste estudo, utilizamos pesquisa bibliográfica além de dados secundários obtidos em sites, boletins, entrevistas, dossiês publicados e mídias relacionadas aos movimentos sociais que mantêm aceso até os dias atuais o legado de lutas sociais de Marylucia Mesquita Palmeira. Dessa maneira, evidenciamos o legado político de Marylucia ao tempo em que apresentamos sua trajetória em confronto com o capital e as faces do lesbocídio no Brasil.

Palavras-chave: Racismo, Sexismo, Lesbofobia, Serviço Social e Saúde.

¹ Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, amandalr@aluno.ufrb.edu.br ;

² Graduanda pelo Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, laianne.bonfim@aluno.ufrb.edu.br ;

³ Mestranda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, lulclacerda@gmail.com ;

⁴ Doutora pelo Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, marcia_sclemente@ufrb.edu.br ;

⁵ Doutora pelo Curso de Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia - UFBA, sibrandaoufrb@yahoo.com.br .



INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado – Assistentes Sociais, Lésbicas, Negras e Feministas: o legado político de Marylucia Mesquita Palmeira, é oriundo de debates realizados em grupo de pesquisa que tem como temáticas centrais gênero, raça, classe e sexualidades, com enfoque nas lesbianidades. Nesse sentido, buscamos aqui refletir sobre categorias teóricas relacionadas, ao sexismo, racismo e lesbocídio, vinculadas à aspectos políticos da história de vida de uma assistente social, negra, lésbica, feminista que dedicou sua existência por décadas ao Serviço Social. Uma protagonista epioneira em muitas lutas sociais, num tempo histórico, situado na década de 90, marcado pela consolidação do ideário neoliberal no Brasil. Um tempo no qual não se reconheciam as diferenças comopotência se afirmava o discurso falacioso do humano genérico, que, ainda hoje, por parte dos conservadores, persiste em se reiterar.

Podemos declarar que o tempo de atuação profissional de Marylucia, também testemunhou epistemicídios, lesbocídios, racismos e sexismos. Muitos foram, portanto, os desafios profissionais que se impuseram a sua presença política nesta sociabilidade violenta, que afeta de forma “privilegiada” mulheres.

Neste sentido, este estudo objetiva, através da apresentação da trajetória profissional e política da assistente social Marylucia Mesquita Palmeira, mulher negra e ativista lésbica, visibilizar seu legado político e suas contribuições para a profissão de Serviço Social.

Nossa premissa de trabalho dialoga sobre os feminismos, em especial o negro e lésbico como pensamento social que estão no campo mais progressista da sociedade. Brandão (2018) assinala que:

O feminismo, em suas diferentes perspectivas teóricas e políticas, ao longo da história buscou adotar conceitos ou construir instrumentais de análise a fim de compreender as formas diferenciadas de distribuição de poder que localizam as mulheres em posições de desigualdade e, com base no conhecimento desenvolvido a partir da teoria produzida e de práticas políticas, modificar essas posições. Desde o fim da década de 1970 as mulheres negras questionaram a construção do “ser mulher”, que possuía um modelo universal desconsiderando raça, classe, etnia e sexualidade nessa estruturação. Os estudos desenvolvidos por feministas brancas com modelos e discursos distantes das realidades das mulheres negras estimulou estas a falarem de suas próprias experiências de opressão e discriminação e a construir outros paradigmas de gênero e feminismo, que não centralizam o poder de opressão apenas no gênero, mas também em outros marcadores – como raça, sexualidade e classe – para valorizar diferentes aspectos das suas identidades. As mulheres negras norte-americanas, então, chamaram atenção para a necessidade de se



valorizar a análise de gênero em contextos mais específicos, de forma a se considerar as experiências sociais, culturais e históricas que conformam as identidades dessas mulheres (BRANDÃO, 2018, p. 184-185).

É fundamentalmente dentro dessa perspectiva que referenciamos e reverenciamos o legado político de Marylucia Mesquita Palmeira.

METODOLOGIA

No que diz respeito aos aspectos metodológicos deste estudo, utilizamos pesquisa bibliográfica além de dados secundários obtidos em sites, boletins, entrevistas, dossiês publicados em mídias relacionadas ao conjunto CFESS/ CRESS e movimentos sociais que mantêm o legado de lutas sociais de Marylucia Mesquita Palmeira.

MARYLUCIA MESQUITA PALMEIRA: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA POLÍTICA.

Em uma sociedade que insiste em nos apagar, que não se aceita dizer tudo, ou pelo menos o óbvio, também não é comum refletir e historicizar a vida de uma mulher negra e lésbica; é por isso e por tanto de contribuição e respeito à sua trajetória que assumimos o risco de escolher dizer sobre Marylucia Mesquita Palmeira, mulher negra, lésbica, cearense, geminiana, nascida no dia vinte e sete de maio de mil novecentos e setenta, feminista, assistente social que por mais de duas décadas moveu-se incansavelmente na luta e defesa de direitos no que diz respeito à comunidade LGBTQIA+, dentro e fora do Serviço Social brasileiro. Sua caminhada é trilhada a partir de uma vasta rede de conexões do fazer político no cotidiano e, portanto, de suas experiências na vida e na militância, como mulher negra lésbica.

Marylucia inicia sua Graduação em Serviço Social no ano de 1988 e conclui em 1995 pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). No ano de 1999, ingressou no Mestrado em Serviço Social, o qual concluiu em 2001, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Marynha (como é carinhosamente referenciada no marcador, manifesto e “mulheragem” do CFESS do ano de 2023), que sempre transitou no ambiente acadêmico, construiu uma vasta participação na academia ocupando, enquanto docente, inclusive, espaços com desenvolvimento de pesquisas. Para além da academia, atuou como conselheira no Conselho



Federal de Serviço Social - CFESS (1999-2002, 2008-2011, 2011-2014), onde dedicou-se ao debate de Ética e Direitos Humanos e direitos das pessoas LGBTIA+.

Foi cofundadora do DIVAS (Grupo em Defesa da Diversidade Afetivo-Sexual), desde 2004, um coletivo cearense, que buscava contribuir, através de uma perspectiva lésbica- feminista, para a emancipação política e afetivo-sexual de mulheres lésbicas e bissexuais. Nesse período também estabeleceu outros vínculos institucionais que protagonizaram o debate em relação às políticas públicas que são pautadas para mulheres negras e a população LGBTQI+.

Referenciada enquanto uma das pioneiras do feminismo lésbico no Serviço Social, Marylucia Mesquita Palmeira esteve à frente do seu tempo durante sua trajetória, contribuindo de maneira fundamental e significativa para nossas existências enquanto sujeitas lésbicas dentro do Serviço Social e para além, identificando as violações presentes nas estatísticas - e também a ausência delas, corroborando com a luta de maneira que se evidenciasse as opressões inclusive no lugar de invisibilidade.

A nota do CFESS (2017) em homenagem a Marylucia Mesquita Palmeira revela o perfil que descrevemos acima:

É com muito pesar que o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) comunica o falecimento da ex- conselheira Marylucia Mesquita (Gestões 1999-2002, 2008-2011 e 2011-2014). Feminista e comunista, “Marynha”, como a chamávamos, foi, sem dúvida, uma das mais irrequietas assistentes sociais desse país. De perfil militante desde a graduação, concluída na Universidade do Estado do Ceará (UECE), Meirinha vem da geração do movimento estudantil dos anos 1990. Concluiu o mestrado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/2001) e atuou como docente nos cursos de Serviço Social do INTA/Sobral-CE (2008/2010) e da Universidade de Brasília (UnB), entre 2012 e 2014. Além da docência e das gestões do CFESS, integrava o Centro de Estudos do Trabalho e Ontologia do Ser Social (CETROS/UECE), era filiada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e foi cofundadora do DIVAS (Grupo em Defesa da Diversidade Afetivo-Sexual). No CFESS, Marylucia Mesquita participou ativamente da Comissão de Ética e Direitos Humanos, da qual foi coordenadora na gestão “Tempo de luta e resistência” (2011-2014) e foi também conselheira do Conselho Nacional de Combate à Discriminação LGBT entre os anos de 2013 e 2016. Em seus breves quarenta e oito anos de vida – vinte e dois deles como assistente social – Mary contribuiu intransigente e incansavelmente para que a pautados direitos humanos fosse visibilizada no interior do Serviço Social e além dele. Temos certeza de que é dessa forma que ela gostaria de ser lembrada, pois esse universo de barbárie na vida social, contra o qual ela lutou bravamente, foi uma das razões de tanto sofrimento subjetivo nos seus últimos meses de vida. O Serviço Social brasileiro agradece a intensidade dessa personalidade forte e dedicada aos princípios e valores do projeto ético-político profissional. Nós, seus/suas amigos/as de várias gerações do Conjunto CFESS-CRESS, vamos nos lembrar, sempre com saudade e doçura, da sua passagem por essa vida, que “devia ser melhor... e será!” (CFESS, 2017)

A partir da noção de corpo como território político de Grijalva (2020) no qual



território não é somente um espaço físico, mas simbólico e é, portanto, parte também do que somos, Marylucia enxergava e integrava a população LGBTIA+ com seu corpo político no mundo, pois existir enquanto dissidência de gênero e sexualidade em seu tempo e enquanto uma corporalidade negra, já era um ato de resistência política por si só, dentre muitas pautas latentes e visíveis na sociedade:

“assumo meu corpo como território político porque o entendo como histórico, e não biológico. E, conseqüentemente, assumo que ele foi nomeado e construído a partir de ideologias, discursos e ideias que justificaram sua opressão, exploração, submissão, alienação e desvalorização. A partir daí, reconheço meu corpo como um território com história, memória e conhecimentos, tanto ancestrais quanto próprios, da minha história íntima. Ao mesmo tempo, considero meu corpo o território político que neste espaço-tempo posso realmente habitar, a partir da minha escolha de (re)pensar-me e de construir uma história própria dos pontos de vista reflexivo, crítico e construtivo.” (Grijalva, 2020, p.10).

“Marynha”, como era chamada pelas companheiras de luta, certamente não imaginou que seu nome, suas histórias, lutas, performances, escritos, falas, posicionamentos, aulas, gestões, diálogos, artigos, entraves e manifestos, a partir de seu corpo político no mundo, poderiam ser lembrados, reverenciados e referenciados por outras corpos singulares que também se encontram neste lugar de imensidão e de confrontos com as estruturas normativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do estudo apontam para uma maior necessidade de visibilidade do legado político de Marylucia Mesquita junto às assistentes sociais, feministas, negras e lésbicas para o conjunto da categoria profissional, assim como introduzir nos currículos de formação em serviço social o debate de gênero, raça e sexualidades, tanto como disciplinas obrigatórias e ainda de forma transversal em outras disciplinas, mas também estimulando editais de pesquisa, extensão e publicações sobre o tema, de forma a ampliar a compreensão sobre as dissidências de gênero e sexualidades e implicar as profissionais de Serviço Social na defesa e garantia dos direitos da comunidade LGBTIA+ a partir do enfrentamento de todas as formas de violência perpetradas pela ética capitalista e seu espírito opressor estruturante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marylucia Mesquita Palmeira não está mais aqui, fisicamente, sua partida e a forma que se deu nos convida a refletir sobre as causas e consequências do lesbocídio em nossa sociedade, assim como a violência racial e sexista que assola nossa sociedade cujas bases se fundamentaram na



colonialidade, no patriarcado e nas desigualdades econômicas e sociais perpetradas pelo capitalismo. Ao mesmo tempo que seu legado, suas ideias, sua ciência, sua política nos mostram caminhos para sermos profissionais capazes de revolucionar os aparelhos privados de hegemonia, questionando a economia e o Estado burguês, onde quer que estejamos afirmando o compromisso ético da liberdade como central.

Sim, somos e seremos muitas Marys na profissão e na sociedade. Onde estivermos seremos Marys, ativas, verdadeiras, presentes falando todas em todas as línguas que BASTA de tanta violência contra as mulheres feministas, lésbicas e negras.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Simone. Lésbicas, Entendidas, Mulheres, Viados, Ladies: as várias identidades sexuais e de gênero que reiteram e subvertem a heteronorma em uma Unidade Prisional Feminina da Bahia. Tese de Doutorado, UFBA, Salvador, 2018.

CFESS, <http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1444>. Acessado em 30 de julho de 2024.

GRIJALVA, D. G. Meu corpo é um território político. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.